

CITAÇÃO, PARÁFRASE E PLÁGIO – EXERCÍCIOS

Citação direta: Citar é colocar em nosso texto ideias, frases ou parágrafos que pertençam a outro autor. Nesse caso, a identificação do autor é obrigatória (conforme a norma 10520).

Citação indireta (paráfrase): parafrasear é reescrever as ideias, frases ou trechos de um texto com o uso das nossas palavras (o texto é baseado na obra do autor consultado). Nesse caso, a identificação do autor é obrigatória (conforme a norma 10520).

Plágio: plagiar é assinar ou afirmar como seu, uma ideia, um texto, uma obra etc. pertencente a outra pessoa.

I. Observe os trechos abaixo, retirados do livro *Os fantásticos do apocalipse*, de Norman Cohn (1965 apud ECO, 1995) e marque qual pode ser considerado o texto original, a paráfrase e a falsa paráfrase (= plágio)¹:

a) O próprio Cohn... [segue uma lista de opiniões expressas pelo autor em outros capítulos]. Por outro lado, cumpre não esquecer que a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. As gerações viviam na constante expectativa do demônio destruidor cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio à Segunda vinda ou ao Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último “período de desordem”; e, já que esses “sinais” incluíam os maus governantes, a discórdia civil, a guerra, a seca, a fome, a carestia, as pestes e os cometas, além das mortes imprevistas de pessoas importantes (e uma crescente pecaminosidade geral), nunca houve dificuldades em detectá-los.

b) A esse respeito, Cohn (1965, p.128)² é bastante explícito. Debruça-se sobre a situação de tensão típica desse período, em que a expectativa do Anticristo é, ao mesmo tempo, a do reino do demônio, inspirado na dor e na desordem, mas também prelúdio da chamada Segunda Vinda, a Parúsia, a volta do Cristo triunfante. Numa época dominada por acontecimentos sombrios, saques, rapinas, carestia e pestes, não faltavam às pessoas os “sinais” correspondentes aos sintomas que os textos proféticos haviam sempre anunciado como típicos da vinda do Anticristo.

c) A vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior. Sucessivas gerações viveram numa constante expectativa do demônio destruidor, cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era voltada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a Segunda Vinda e o Reino dos Santos. As pessoas estavam sempre alerta, atentas aos “sinais” que, segundo a tradição profética, anunciariam e acompanhariam o último “período de desordem”; e, já que os “sinais” incluíam maus governantes, discórdia civil, guerra, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevistas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldade em detectá-los.

d) O próprio Cohn, já citado, recorda ainda que “a vinda do Anticristo deu lugar a uma tensão ainda maior”. As diversas gerações viviam em constante expectativa do demônio destruidor, “cujo reino seria de fato um caos sem lei, uma era consagrada à rapina e ao saque, à tortura e ao massacre, mas também o prelúdio de um termo ansiado, a Segunda Vinda e o Reino dos Santos”.

As pessoas estavam sempre alerta e atentas aos sinais que, segundo os profetas, acompanhariam e anunciariam o último “período de desordens”. Ora, sublinha Cohn, uma vez que estes sinais incluíam “maus governantes, discórdia civil, guerra, seca, fome, carestia, peste, cometas, mortes imprevistas de pessoas eminentes e uma crescente pecaminosidade geral, nunca houve dificuldades em detectá-los”.

¹ Exercício retirado de: ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995, p. 128-132.

² COHN, Norman. *I fanatici dell'Apocalipse*. Milano: Comunità, 1965, p. 128.

II. Considerando o texto no quadro abaixo, escrito por Dad Squarisi (2003, p.15), você deve arrumar as citações de acordo com a norma da ABNT e dizer que tipo de citação é: citação direta curta, citação direta longa, citação indireta (=paráfrase) ou citação de citação.

Xô, frase lonnnnnnnng

“Na dúvida, use ponto”, aconselha o *Manual de Estilo da Editora Abril*. O Resendeu leu. E guardou. Outro dia, ele se deliciava com o novo livro do José Saramago. Em *A caverna* (2000), o autor português mantém uma marca registrada – longos períodos separados só por vírgula. [...] Mas tamanho da frase não preocupa os cobras da literatura. O escritor tem licença poética. [...]. Eles podem tudo. Até atropelar a gramática.

Para os mortais, o buraco é mais embaixo. Estudantes, jornalistas, funcionários públicos, empregados de empresas não escrevem para emocionar. [...] [Escrevem] para serem entendidos. Ao menor tropeço, lá vem a conta. Vestibulandos perdem a vaga. Servidores levam puxão de orelha. Executivos deixam a promoção pra outro. É um pega-pra-capar.

A frase curta dá uma ajudinha. Ela tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros (a vírgula e a concordância armam menos ciladas). A outra: torna o texto mais claro. E clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. [...]

Como chegar lá? Como fugir das frases que se perdem no caminho? Vinícius de Moraes [(1975, p.4)] deu a receita: “Uma frase longa [...] não é nada mais que duas curtas”. Desmembre as compridas. Use ponto. [...].

a) _____:

Segundo SQUARISI, 2003, p.15, baseada no *Manual de Estilo da Editora Abril*, deve-se evitar o uso de frases longas, porque, assim, consegue-se reduzir os erros e aumentar a compreensão do texto.

b) _____:

“A frase curta dá uma ajudinha. Ela tem duas vantagens. Uma: diminui o número de erros (a vírgula e a concordância armam menos ciladas). A outra: torna o texto mais claro. E clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo. [...]

Como chegar lá? Como fugir das frases que se perdem no caminho? Vinícius de Moraes [(1975, p.4)] deu a receita: “Uma frase longa [...] não é nada mais que duas curtas”. Desmembre as compridas. Use ponto. [...]” É o que diz Squarisi, 2003, pág. 15.

c) _____:

Em seu livro, Squarisi, 2003, dá dicas de redação para as pessoas escreverem melhor. Uma delas é usar frases curtas. Elas têm duas vantagens. “Uma: diminui o número de erros (a vírgula e a concordância armam menos ciladas). A outra: torna o texto mais claro. E clareza é, disparado, a maior qualidade do estilo.”, p.15.

d) _____:

Vinícius de Moraes (1975, p.4 apud Squarisi, 2003, p.15) declara que “Uma frase longa [...] não é nada mais que duas curtas”.

III. Faça uma lista com verbos dicendi e outras formas de modalização de discurso que podem ser utilizados para retomar “o dito”:

O autor confirma; assume; denuncia; _____

IV. Leia o trecho abaixo, escrito por Ricardo Barcelar Paiva em 2010 (página 2), e faça o que é solicitado³:

As ferramentas tecnológicas da informática e o advento da *internet* proporcionam acesso irrestrito a muitos bancos de dados, oficiais e particulares, informações diversas e notícias em tempo real de todas as partes do mundo.

Não se pode olvidar [=esquecer] a importância do uso da rede mundial de computadores, que auxilia na pesquisa, [no] ensino, na vida pública, na iniciativa privada e em, praticamente, todos os ramos de atividade.

Contudo, algumas distorções advindas desta facilidade de acesso eletrônico muito nos preocupam. Em especial, merece destaque o crescimento desenfreado da **prática do plágio nas universidades brasileiras e escolares de ensino médio**.

Com a praticidade de copiar e colar textos pelo computador, **muitos alunos formatam seus trabalhos e**

³ Esse trecho faz parte de uma proposição, apresentada pelo advogado Ricardo Barcelar Paiva (2010) ao Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em que é solicitada a adoção de medidas preventivas para combater o plágio em instituições de ensino e para combater a venda ilegal de textos.

monografias, apropriando-se de obras de outros autores, sem os créditos devidos, cometendo graves ilícitos e, por fim, intitulando-se, falsamente, criadores de obras criadas pelo espírito de terceiros.

Tão nociva prática é observada em todos os níveis do ensino escolar. Na verdade, **muitos alunos dos ensinos médio e superior não fazem mais pesquisa, copiam e colam textos de outras pessoas.**

Além da prática ilegal de apropriar-se da obra de terceiros sem autorização e sem a referência devida, o procedimento nefasto infecciona a pesquisa produzindo danos irreparáveis. **Muitos de nossos alunos não sabem escrever, não sabem compor um texto, elaborar uma idéia original e, pior de tudo: não aprendem a pensar e a desenvolver o senso crítico.**

A explicação é simples. Diante da tarefa de pesquisa, não leem sobre o assunto, não raciocinam, não exteriorizam um pensamento, não exercitam a formatação da idéia sistematicamente. Não pensam a matéria estudada, apenas copiam e colam texto de terceiros da *internet*, o que é grave, sem os créditos devidos. [...]

- a) Retome, através de citação direta, o parágrafo 4.
- b) Através de citação indireta, retome as ideias contidas no 6º parágrafo.
- c) Explique, através de uma citação direta e indireta (misturando as duas), os argumentos usados por Paiva (2010, p.2) para afirmar que os alunos que cometem plágios “[...] **não aprendem a pensar e a desenvolver o senso crítico.**” (grifos do autor).

V. Leia o texto abaixo e faça o que é solicitado.

A linguagem politicamente correta

José Luiz Fiorin (2008, p. 1-4)

No conto *Negrinha*, de Monteiro Lobato, lemos a seguinte passagem: “A excelente Dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças” (*Monteiro Lobato: textos escolhidos*. Rio de Janeiro, Agir, 1967, p. 75). No capítulo III, de *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto, aparece a seguinte passagem: “Marramaque, poeta *raté*, tinha uma grande virtude, como tal: não denegrir os companheiros que subiram nem os que ganharam celebridade” (*Prosa seleta*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 2001, p. 661). Em Machado de Assis, no conto *Aurora sem dia*, lê-se: “Ah! meu amigo, (...) não imagina quantos invejosos andam a denegrir meu nome” (*Obra completa*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, [197-?], vol. II, p. 224). Diante desses textos não faltaria quem apontasse o dedo acusador para os três autores, tachando-os de racistas. Afinal, *denegrir* significa “diminuir a pureza, o valor de; conspurcar, manchar” e é construído com a mesma raiz da palavra *negro*; *judiar* quer dizer “tratar mal física ou moralmente, atormentar, maltratar” e é formado com o termo *judeu*. Mas será que podemos fazer essa acusação? Machado e Lima Barreto eram descendentes de negros; Lobato posicionou-se contra o nazi-fascismo e pode-se dizer que, à maneira de seu tempo, era anti-racista.

A linguagem politicamente correta é a expressão do aparecimento na cena pública de identidades que eram reprimidas e recalcadas: mulheres, negros, homossexuais, etc. Revela **ela** a força dessas “minorias”, que eram discriminadas, ridicularizadas, desconsideradas. Pretende-se, com **ela**, combater o preconceito, proscrevendo-se um vocabulário que é fortemente negativo em relação a esses grupos sociais. A ideia é que, alterando-se a linguagem, mudam-se as atitudes discriminatórias.

Em 2004, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República publicou uma cartilha intitulada *Politicamente correto e direitos humanos*, em que mostrava que determinadas palavras, expressões e anedotas revelam preconceitos e discriminações contra pessoas ou grupos sociais. Essa publicação gerou muita polêmica e levou o governo a recolhê-la. Muitos intelectuais proeminentes acusaram o governo de estar instaurando a censura (por exemplo, João Ubaldo Ribeiro, no artigo “O programa Fala Zero”, publicado em *O Estado de S. Paulo*, de 8/5/2005, p. 3, e Ferreira Gullar, no artigo “A coisa está branca”, publicado na *Folha de S. Paulo*, de 15 de maio de 2005, p. 12). Declaravam que se tratava de um ato autoritário de um governo que pretendia até mesmo controlar o que as pessoas dizem; que o poder público tinha coisas mais importantes, como a educação e a saúde, com que se preocupar. [...]. Bradavam que se pretendia engessar a língua, impedindo o seu desenvolvimento.

Não vamos fazer a maldade de argumentar, dizendo que chama atenção que esses **furiosos críticos do governo** (no geral, articulistas dos principais jornais do país) não tivessem tido a mesma irada reação, quando os jornais em que

escrevem vetaram o uso, em suas páginas, de uma série de palavras ou expressões por denotarem preconceito, discriminação ou ofensa em relação a determinados grupos sociais (conferir, por exemplo, o verbete “preconceito” do *Manual de redação* da Folha de S. Paulo (2001, p. 94) ou o verbete “ética interna” do *Manual de redação e estilo* de O Estado de S. Paulo (1990, p. 34-38)).

A linguagem politicamente correta leva-nos a pensar em uma série de aspectos a respeito do funcionamento da linguagem [...]. O primeiro é que, como já ensinava Aristóteles, na *Retórica*, aquele que fala ou escreve cria, ao produzir um texto, uma imagem de si mesmo. Sem dúvida nenhuma, a presença de certas palavras num determinado texto faz que **ele** seja racista, machista, etc., criando uma imagem de que **seu** autor é alguém que tem preconceito contra as mulheres, os negros, os índios, os homossexuais e assim por diante. O que é preciso saber é se combater o uso de palavras ou expressões que patenteiam a discriminação é um instrumento eficaz de luta contra **ela**.

De um lado, é verdade que a linguagem modela sentimentos e emoções. Se alguém sempre ouviu certos termos ou expressões, como *negro*, *bicha* ou *coisa de mulher*, ditos com desdém ou com raiva, certamente vai desenvolver uma atitude machista ou racista. Quem é tratado com gritos ou com ameaças seguramente não vai introjetar atitudes de bondade ou doçura. Portanto, usar uma linguagem não marcada por fortes conotações pejorativas é um meio de diminuir comportamentos preconceituosos ou discriminatórios. De outro lado, porém, é preciso atentar para dois aspectos. O primeiro é que o cuidado excessivo na busca de eufemismos para designar certos grupos sociais revela a existência de preconceitos arraigados na vida social. Se assim não fosse, poder-se-ia empregar, sem qualquer problema, por exemplo, o vocábulo *negro*, sem precisar recorrer à expressão *afro-descendente*. Em segundo lugar, os defensores da linguagem politicamente correta acreditam que existam termos neutros ou objetivos, o que absolutamente não é verdade. Todas as palavras, ensina Bakhtin, são assinaladas por uma apreciação social. Considera-se que os termos *bicha*, *veado*, *fresco* são mais preconceituosos que a designação *gay*. Isso é parcialmente verdadeiro, pois os três primeiros estão marcados por pesada conotação negativa. No entanto, o termo *gay* também vai assumindo valor pejorativo, tanto que, à semelhança do aumentativo *bichona* e do diminutivo *bichinha*, criaram-se *gayzaço* e *gayzinho*. Isso ocorre porque as condições de produção de discursos sobre a mulher, o negro, o homossexual, etc. são as de existência de fortes preconceitos em nossa formação social. Isso significa que não basta mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir. Entretanto, como a conotação negativa é uma questão de grau, não é irrelevante deixar de usar os termos mais fortemente identificados com atitudes racistas, machistas, etc.

Há, porém, duas posições dos defensores da linguagem politicamente correta que contrariam a natureza do funcionamento da linguagem e que, portanto, são irrelevantes para a causa que defendem. A primeira é a crença de que a palavra isolada carrega sentido e apreciação social. Na verdade, um termo funciona num discurso e não isoladamente. Por isso, nem todos os usos do vocábulo *negro* com valor negativo denotam racismo. Por exemplo, dizer que há racismo na expressão *nuvens negras no horizonte do país* é um equívoco, porque o sentido conotativo de “situação preocupante”, que aparece no discurso político ou econômico, está relacionado à meteorologia, nada tendo a ver com raças ou etnias. [...]

A outra posição que contraria o funcionamento da linguagem é o etimologismo. Etimologia é o estudo da origem e da evolução das palavras. Esse termo é constituído de duas palavras gregas, que querem dizer “estudo do sentido verdadeiro”. Ele surgiu num período em que se acreditava que a história era decadência, o que, na linguagem, significava que a evolução das línguas era uma degradação. Por isso, o sentido original era o sentido verdadeiro. [...] [No entanto], certas etimologias foram sendo esquecidas na evolução da língua. Não se percebe mais que *judiar* é formado a partir de *judeu* nem que *denegrir* é constituído com a raiz de *negro*. Por isso, não se pode dizer que Lobato, Machado e Lima Barreto, ao usar esses termos nos trechos que mostramos no início deste texto, tenham sido racistas. [...].

As palavras ferem e, como diz o poeta Pepe, “as lágrimas não cicatrizam”. Por isso, para criar um mundo melhor, é importante usar uma linguagem que não machuque os outros, que não revele preconceitos, que não produza discriminações. É necessário, porém, que, para ter eficácia, esse trabalho sobre a palavra respeite a natureza e o funcionamento da linguagem.

a) Compreensão textual (fatores de textualidade):

a.1) A qual gênero pertence o texto lido? () artigo de opinião () reportagem () notícia

a.2) Sobre o que o autor escreve (tema do texto)?

a.3) A progressão referencial é uma das formas de coesão textual. Localize no texto quais são os referentes (a que se referem) dos termos abaixo:

a) ela (l. 13): _____	d) seu (l. 35): _____
b) ela (l. 14): _____	e) ela (l. 37): _____
c) ele (l. 35): _____	

a.4) Praticamente em todos os textos, encontramos palavras que desconhecemos. Dessa forma, o uso do dicionário ajuda-nos a compreendê-las e a ampliarmos nosso vocabulário. Nesta atividade, você recebe uma ‘mãozinha’. Relacione as palavras destacadas no texto a seus sinônimos:

a) procrever (l. 14)	() enraizar
b) proeminente (l. 20)	() significar, simbolizar
c) instaurar (l. 20)	() desagradável, obscuro
d) bradar (l. 25)	() internalizar
e) vetar (l. 28)	() registrar
f) denotar (l. 28)	() proibir, pôr fora de uso, banir
g) patentear (l. 37)	() proibir
h) introjetar (l. 40)	() iniciar, estabelecer
i) arraigar (l. 44)	() saliente
j) pejorativo (l. 50)	() protestar, gritar, clamar

b) Citação direta, citação indireta e citação de citação são recursos utilizados para marcar as “outras vozes” no nosso texto (o que chamamos de intertextualidade). Por não ser de nossa autoria, todas as citações devem trazer a identificação de seu autor. Assim, seguindo as normas da ABNT (NBR 10520), faça o que se pede:

b.1) Explique, através de citação direta, qual é o objetivo da “linguagem politicamente correta” (2º parágrafo);

b.2) Transcreva, através de citação direta longa, os três argumentos usados pelos “intelectuais proeminentes” (3º parágrafo) para afirmar que a cartilha feita pela Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência da República era uma forma de censura à população.

b.3) No 4º parágrafo, José Luiz Fiorin faz uma crítica os “furiosos críticos do governo”. Explique, através de citação indireta, qual é essa crítica.

b.4) Arrume, no 1º parágrafo do texto de Fiorin, as citações de acordo com as normas da ABNT (NBR 10520, 2002). Obs.: Faça as alterações no próprio texto: risque o que é desnecessário ou não adequado a norma e acrescente o que for necessário).

c) A norma NBR 6023 fixa a ordem dos elementos para a elaboração das referências. Consulte-a e elabore:

c.1) A referência do texto de José Luiz Fiorin “A linguagem politicamente correta”, publicado na Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem, disponibilizada no site [http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao01/artigos_alinguagempoliticallycorreta.htm], no volume 1, no ano de 2008, entre as páginas 1 e 4. (data de acesso: 28/4/2011);

c.2) As referências dos textos citados por José Luiz Fiorin que estão nas linhas: 1-2 e 22-23.